INSTITUTO DE FORMAÇÃO E EDUCAÇÃO TEOLÓGICA - IFETE
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

O RESGATE DA CULTURA E DA HISTÓRIA DA COMUNIDADE DE BAIXIO, JIJOCA-CE

ANTONIO PEDRO DE SOUZA

JIJOCA-CE
2014

INSTITUTO DE FORMAÇÃO E EDUCAÇÃO TEOLÓGICA — IFETE

CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

ANTÔNIO PEDRO DE SOUZA

O RESGATE DA CULTURA E DA HISTÓRIA DA COMUNIDADE DE BAIXIO, JIJOCA-CE

JIJOCA/CE

2014

ANTÔNIO PEDRO DE SOUZA

O RESGATE DA CULTURA E DA HISTÓRIA DA COMUNIDADE DE BAIXIO, JIJOCA-CE

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em História do Instituto de Formação e Educação Teológica (IFETE) como requisito para obtenção do título de Licenciado em História.

Orientador: Prof. Delmiro.

JIJOCA/CE

2014

Este trabalho é dedicado a todos os familiares, aos moradores do município de Jijoca de Jericoacoara, em especial a todos os residentes da localidade de Baixio. Ao Instituto de Formação e Educação Teológica, aos professores, em especial Ednardo Bezerra Júnior, e ao orientador da monografia, professor Delmiro.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, a Deus, que me deu a oportunidade de estar no mundo contribuindo na construção da história. Agradeço profundamente ao meu pai, que não está de corpo presente, mas com certeza contribui de onde estiver e me ajuda a não desistir desta missão. Agradeço à minha mãe, irmãos e irmãs, esposa, filhas, genro, neto e todos os parentes e amigos.

RESUMO

Esta monografia baseia-se em três pontos principais: resumo da história de Jijoca a partir de documentos (escrituras de terras) e da oralidade de habitantes nativos; história da comunidade de Baixio, através de documentos de compra e venda de imóveis (terra) e entrevistas com moradores primitivos e atuais. O terceiro ponto estará voltado às opiniões e conceitos de alunos.

Esta história tem início no ano de 1925, quando alguns moradores da margem oeste da lagoa da Jijoca buscavam terras produtivas para executarem suas atividades agropecuárias e encontraram uma terra adequada.

Ao notarem que o local possuía um "córrego" dentro daquela mata, decidiram pelo nome de "Córrego de Dentro". Esse nome permaneceu entre os anos de 1925 e 1960. Mais tarde, por descobrirem o grande número de "córregos ou baixas", optaram pelo nome Baixio, que permanece até os dias atuais.

Palavras-chave: História local. Memória. Oralidade. Baixio. Jijoca de Jericoacoara. Ceará.

ABSTRACT

This monograph is based on three main points: overview of the history of Jijoca from documents (land deeds) and the orality of native inhabitants; history of the Baixio community through documents on the purchase and sale of real estate (land) and interviews with early and current residents. The third point is devoted to student opinions and concepts.

This story begins in 1925, when some residents of the west bank of the Jijoca lagoon sought productive land to carry out their farming activities and found suitable ground.

Noting that the site had a "stream" within that forest, they decided on the name "Córrego de Dentro". This name remained between the years 1925 and 1960. Later, having discovered the large number of "streams or lowlands", they chose the name Baixio, which remains to this day.

Keywords: Local history. Memory. Orality. Baixio. Jijoca de Jericoacoara. Ceará.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO **9**

CAPÍTULO I — A IMPORTÂNCIA DA HISTÓRIA LOCAL **11**

1.1 Origem do município de Jijoca de Jericoacoara 11

1.2 Documentos de venda de terra que fez parte da Sesmaria de Donato José de Souza 13

1.3 Economias da época 14

1.4 Opções de lazer na época 14

1.5 Culturas artísticas de outrora 14

1.6 Histórias da religião 15

1.7 Jijoca, assim como todo o estado do Ceará, é uma terra de contrastes 16

1.8 Histórias da educação: a importância de José Osmar Fonteles e Pergentina Andrade Fonteles na implantação do modelo de educação de Jijoca 17

1.9 Sobre a origem de Jericoacoara 18

1.10 Economias primitivas em Jericoacoara 19

CAPÍTULO II — ORIGENS DA COMUNIDADE DE BAIXIO **20**

2.1 Escrituras da terra comprada por Raimundo Pereira de Souza 20

2.2 Históricos da família de Geraldo Pereira Brandão após a chegada em Baixio 21

2.3 Realidades da época: economia 22

2.4 Histórias da religião 22

2.5 Um acontecimento religioso em Baixio 23

2.6 Educações de outrora 24

2.7 Resumos da história da Escola Francisco Ferreira Brandão 25

2.8 Resumos da história da Escola Reunida Raimundo Pereira Dutra 25

2.9 Resumos da história da Escola Antônio Dutra de Sousa 26

2.10 Resumos da campanha política de 1976 28

2.11 Realidades políticas (1985-1988) na região de Cruz e Jijoca 29

2.12 Sobre o plebiscito e a primeira eleição de Jijoca 30

2.13 Realidades da comunidade 31

2.14 Educação atual 31

2.15 Realidade da religião 32

2.16 Realidades da saúde 33

2.17 Calçamento 33

2.18 Abastecimento d'água 33

CAPÍTULO III — COMO OS ALUNOS E EX-ALUNOS VÊEM A HISTÓRIA DA COMUNIDADE 35

3.1 História da comunidade de Baixio, Jijoca, Ceará 35

3.2 A real causa do nome Baixio 35

3.3 Apelidos comuns do local 35

3.4 Primeiros moradores de Baixio 35

3.5 Localização 36

3.6 Realidade da época 36

3.7 Fundação da comunidade (religião) 37

3.8 Marcas de progresso em Baixio 37

3.9 Cuidados com a saúde: de onde vêm 38

3.10 Descobrindo sua cultura e identidade 38

3.11 Educação 38

DEPOIMENTOS 39

Depoimento de José Edson de Albuquerque 39

Depoimento de Antonia Jéssica de Souza 40

CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE A ORALIDADE 41

REFERÊNCIAS 44

INTRODUÇÃO

Para uma melhor compreensão do tema deste trabalho, esta é uma possibilidade da história oral, pois para um pesquisador a escrita deixa de ser unicamente um discurso construído pelo historiador, uma vez que as principais fontes históricas são uma criação de um simples escritor que sempre teve e terá um enorme interesse pela história local como forma de ampliação dos conhecimentos para uma melhor vivência em comunidade. Ao focalizar as memórias pessoais, o indivíduo constrói também uma visão mais concreta da dinâmica de funcionamento e das várias etapas da trajetória do grupo social a que pertence. Muitas dessas memórias são chamadas subterrâneas ou marginais, porque correspondem a versões sobre o passado de grupos de uma sociedade que ficam à margem da história oficial.

Diante de situações desse tipo, decidimos que a cultura da comunidade não poderá jamais cair no esquecimento do povo que prossegue dando continuidade às louváveis ações dos nossos antepassados. Seja qual for o documento, o papel do historiador é a crítica, pois os fatos e os documentos não falam por si; falam apenas quando o pesquisador os aborda e os interpreta, procurando compreender o pensamento que está por trás deles. Neste sentido, os documentos são essenciais, são matéria-prima para o pesquisador.

Vive-se hoje em dia o impacto de uma revolução documental e de uma enorme ampliação da memória histórica. Dessa forma, os documentos são tomados na sua mais ampla acessibilidade possível, seja de forma escrita, ilustrada e transmitida através de som ou imagens, ou de outras maneiras, como por exemplo de forma oral. Por estes motivos, trata-se de uma necessidade ampla integrar a história local neste contexto tecnológico, para que o povo tenha mais contato com o resgate da cultura local em seus primórdios.

Esta monografia justifica-se pela necessidade dos alunos das escolas locais e demais pessoas interessadas neste tema, que desperta tanta atenção daqueles que têm curiosidade a respeito da origem de Jijoca e, em consequência, da origem da comunidade de Baixio, Jijoca-CE. Nossa cultura histórica não pode ficar à margem do contexto histórico nacional. Temos obrigação de registrar o nosso passado, mesmo que através da oralidade, até surgirem mais historiadores que transformem todo o nosso acervo cultural em fonte escrita e que possa fazer parte das bibliotecas escolares e da história do nosso país.

Façamos desta monografia a realização de um sonho pessoal e familiar, pois desde muito cedo optamos pela disciplina de história. Ao levar este tema ao alcance de centenas de pessoas, estaremos concretizando um desejo de muitos que às vezes necessitam de conhecimentos locais e não encontram fontes seguras das buscadas, seja a pedido de professores ou para ampliação dos conhecimentos pessoais. Esperamos poder atingir a

todos os objetivos.

CAPÍTULO I — A IMPORTÂNCIA DA HISTÓRIA LOCAL

A valorização dessa especialidade da ciência histórica é recente. Seu surgimento deu-se no segundo meado dos anos 80, trazendo uma nova perspectiva para o ensino de História: a aproximação das pessoas do processo histórico, rompendo com a história objetiva e tradicional, valorizando a historicidade de pessoas comuns. Ao trazer à tona acontecimentos, personagens e lugares comuns ao estudante, possibilita sua aproximação com a disciplina e faz com que perceba a relação dialética entre passado e presente. Tem como objetivo buscar subsídios que auxiliem na compreensão da história das sociedades e seus vínculos com o poder. Assim, a forma de abordagem da História Local é diferente da tradicional que, ao ser apresentada nos livros didáticos de forma pronta e acabada, torna o educando um ser passivo diante do saber e distante do processo histórico.

E nesta linha de pensamento, afirma a historiadora Circe Bittencourt que o ensino de História deve efetivamente superar a abordagem informativa, conteudista, tradicional, desinteressante e não significativa para professores e alunos, e que uma das possibilidades para esta superação é sua problematização a partir do que está próximo, do que é familiar e natural aos alunos. Esse pressuposto é válido e aplicável desde os anos iniciais do ensino fundamental, quando é necessário haver uma abordagem e desenvolvimento importante das noções de tempo e espaço, juntamente com o início da problematização, da compreensão e explicação histórica e o contato com o documento.

De acordo com a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei nº 9.394/96, o artigo 26 enfatiza que a parte diversificada dos currículos do ensino fundamental e médio deve observar as características regionais e locais da sociedade.

1.1 Origem do município de Jijoca de Jericoacoara

Documentos comprovam o nascimento de Jijoca de várias maneiras, dependendo da localidade. A sede, por exemplo, tem origem nas margens da lagoa, pelas ações de parte da tribo Tremembé que, refugiando-se de secas, chegou numa época sem registros escritos, até porque os índios mantinham uma cultura através da oralidade (acontecimentos narrados de pais para filhos). A comprovação de tais afirmações é feita pela existência de muitos descendentes indígenas e pela existência de objetos materiais de uso doméstico, além da existência de uma "cachimba" que, de acordo com informações seguras de familiares do senhor Leôncio Liberato, na atualidade são possuidores da terra que foi administrada pelo casal "Ji e Joca", o mesmo que deu origem ao primeiro nome do município.

Ainda com a permanência dos indígenas no local, as terras de quase toda a margem oeste da lagoa foram transformadas numa "sesmaria", a mesma sendo entregue ao senhor

Donato José de Souza e seus familiares. Esta informação foi comprovada em documentos manuscritos e registrados em cartório de Itapipoca, depois em cartório da cidade do Acaraú. Os referidos documentos eram guardados pelo senhor Gabriel Brandão de Souza, o maior historiador de Jijoca até agora. Era sonho do senhor Gabriel que um de seus filhos ou netos publicasse aquela documentação num livro que seria a principal referência bibliográfica de Jijoca de Jericoacoara, mas o plano não funcionou e os referidos papéis não estão sob a guarda de nenhum dos descendentes.

No ano de 1985, na condição de aluno do Colégio Estadual José Teixeira de Albuquerque, tivemos a incumbência de entrevistar alguns moradores idosos sobre a origem do povoado de Jijoca, na intenção de descobrirmos o real motivo do nome. Entrevistamos, entre algumas pessoas de idade avançada, o senhor João Brandão de Souza, que nos informou o motivo do nome Jijoca segundo os seus antepassados. Seu João Brandão narrou assim: "Antigamente aqui viveu uma tribo de índios governada por um casal onde um deles era Ji e o outro era Joca. Aqui viveram por muito tempo, até que o casal faleceu e a tribo resolveu retirar-se." Como aquele casal ficou enterrado, na saída os retirantes falaram: "adeus Ji e Joca". Então aquele adeus originou o nome do povoado que mais tarde se transformaria nesta bela cidade cearense.

O proprietário da "sesmaria" citada anteriormente, senhor Donato José de Souza, tinha dois filhos e duas filhas. Eles eram chamados Antônio Lulo de Souza e Torquato José de Souza. As filhas tinham a seguinte denominação: a mais velha era Rufina, a outra era Raquel. O nome da esposa, nesse momento, não tivemos como recordar, mas sabemos que essa família originou uma população numerosa em Jijoca e localidades circunvizinhas.

Descobrimos a origem de seu Donato como sendo um lugar chamado de "Barra do Garrote" e que desta localidade vieram outras famílias que contribuíram bastante na formação do povoado. Também conseguimos descobrir que "Barra do Garrote" está localizada, hoje em dia, em Amontada, anteriormente chamada de São Bento, e que pertencia ao município de Itapipoca até 1985, quando ocorreu a criação do município de Amontada. Alguns emigrantes que vieram da "Barra do Garrote" mantiveram contatos com a tribo Tremembé, inclusive houve união matrimonial entre descendentes de índios e descendentes de portugueses chegados à comitiva de Jerônimo de Albuquerque, o construtor do "Forte de Nossa Senhora do Rosário" no "Morro do Farol".

Retornando ao assunto da família Donato, sabemos por fonte oral muito segura que se multiplicou e deu origem a várias famílias nativas como, por exemplo: Brandão, Ferreira, Souza, Pereira, entre outras que hoje dão sequência à história desta terra, ampliando-se pela chegada de tanta gente oriunda até de outros países.

Não poderia deixar de citar um acontecimento marcante na vida dos familiares de Donato. Quando partiram as terras da herança, um dos genros tentou apossar-se de algumas "braças de terra" a mais do que lhe era destinado. Foi então que Antônio Lulo de Souza, o mais prejudicado no caso, mandou a esposa fritar uma galinha, colocou a sela no cavalo e viajou até Itapipoca para fazer uma denúncia ao representante do Imperador D. Pedro II sobre o ocorrido na repartição das terras da "sesmaria" de seu Donato. O então procurador escreveu uma carta, registrou a mesma em cartório e mandou pelo portador da denúncia, o senhor Antônio Lulo, que regressou imediatamente para entregar a carta ao seu destinatário.

Este relato sobre a referida carta havia sido feito a nós por Juvenal José de Souza (de saudosa memória) e podemos comprovar a veracidade do fato, porque a carta-documento estava guardada por Gabriel Brandão de Souza em suas fontes históricas de Jijoca. Tivemos a oportunidade de fazer a leitura do documento em questão, onde descobrimos a data, que era 27 de março do ano de 1887 — um ano depois, a princesa Isabel assinou a Lei Áurea, que dava "liberdade" a todos os escravos do Brasil.

Por coincidências históricas, Antônio Lulo de Souza é nosso bisavô paterno e, sendo filho de Donato José de Souza, recebeu um terreno onde hoje se localiza a "Pousada Lagun", de propriedade dos herdeiros de Sérgio Herrero Gimenez, primeiro prefeito de Jijoca de Jericoacoara. Esta escrita podemos comprovar com documentos em mãos, que foram guardados pelo avô, depois pelo pai, até chegar às nossas mãos. A data da venda do referido terreno é de nove de janeiro de 1923; portanto, já se vão 90 anos depois da venda daquela herança, que foi uma pequena parte da "sesmaria" de seu Donato.

Praticamente todas as terras da margem oeste da Lagoa da Jijoca pertenceram aos familiares de seu Donato. Depois de algumas vendas, foram feitas algumas "linhas divisórias", onde a mais famosa chamou-se "travessão das Pedrinhas", que loteava os terrenos assim: ao sul do travessão, os terrenos mediam ¾ de légua em comprimento e faziam divisas com terrenos do Sítio Santo Eliseu, conforme comprovação em documentos feitos em cartório de Acaraú. Naquela época, o preço da terra no local citado praticamente nem existia, até porque estavam vivenciando aquela fase de troca de produtos por produtos, por falta de dinheiro.

1.2 Documentos de venda de terra que fez parte da Sesmaria de Donato José de Souza

> Declaro eu abaixo assinado, senhor e possuidor de vinte e cinco braças de terra no lugar denominado Carro Quebrado, em denominação de Sítio Santo Eliseu, extremando pelo Nascente em terras do senhor Manuel Ferreira de Albuquerque; pelo Poente com terras do senhor Antônio Lulo de Souza; pelo Norte com terras do senhor Antônio Ferreira Brandão; pelo Sul com terras de Manuel Sudário de Carvalho e sua mulher D. Maria Ferreira de Carvalho. No centro das subscritas vinte

braças de terra acha-se encravada uma casa de taipa, coberta de telhas, com duas portas e uma janela de frente, tendo por propriedade um cercado em todo o comprimento da referida terra com as benfeitorias dentro do mesmo cercado; e mais, fecha a frente da casa as cercas de uma rasante velha, tudo junto: terra, casa, cercado e benfeitorias, tendo como de fato vendido tenho aos senhores Marques, feita a compra pelo preço e quantia certa de quinhentos mil réis (500$000) que, ao passar este papel às mãos dos compradores, recebi em moeda legal e corrente. Por estar pago e satisfeito, transfiro às pessoas dos compradores todo o poder, jus e domínio que tinha desta casa e propriedade vendidas, para que estes assim usufruam como sua, que fica sendo de hoje em diante, obrigando-me a mim e a meus sucessores fazer esta venda boa, firme e valiosa, e responder pela evicção e por a par de quaisquer dúvidas futuras. E para clareza, mandei passar este papel, que assino com as testemunhas presentes.

Serrote de Jericoacoara, 3 de dezembro de 1923.

Raimundo Neves de Araújo

Testemunhas:

João Pereira Dutra

João Raimundo Dutra

1.3 Economias da época

Aquele povo tinha uma vida muito difícil. As décadas iniciais do século XX foram marcadas por tempos de chuvas raras. A lagoa secou por diversas vezes, deixando a população em dificuldades. Eles viviam da produção de batatas, feijão, milho, roça, e criavam alguns animais. Não tinham opções além disso, até que plantaram centenas de mangueiras que, depois de alguns anos, produziam além do consumo local. Então alguns moradores resolveram vender o excedente de mangas nos distritos e nas cidades vizinhas. Para isso, utilizavam jumentos como meio de transporte adequado àquela ação.

1.4 Opções de lazer na época

Os jijoquenses de então tinham pouquíssimas opções para divertimentos. Alguns tocavam violão, outros tocavam sanfona, e reuniam-se nas casas maiores para cantar e dançar. Tinham as "corridas de cavalos" aos domingos e feriados. Promoviam "vaquejadas" e festas de casamentos.

1.5 Culturas artísticas de outrora

Faziam os "dramas", dançavam "reisados", realizavam muitas cantorias, faziam apresentações de "cassimiradas" (teatro de bonecos), onde o personagem tido como "vilão" era o "Cassimiro Coco", que vencia todas as batalhas. O "reisado" era apresentado somente na época da quaresma porque não dançavam abraçados e o reisado era uma dança individual, podendo ser praticada porque a Igreja Católica permitia.

1.6 Histórias da religião

As ações religiosas aconteciam no Distrito de Caiçara. Num prazo de três meses de uma vez para outra, o vigário de Acaraú, monsenhor Sabino, vinha realizar casamentos, batizados e celebrações de missas. Era na missa que aconteciam algumas coisas esquisitas. Primeiramente, era celebrada em latim e o padre ficava de costas para os fiéis, que não entendiam nada. Outra realização absurda era "o casamento no queima". Nesse tipo de casamento, um rapaz às vezes nunca tinha visto a moça e a convidava para casar; se ela aceitasse, já saíam da Caiçara casados e, quando chegavam à casa dos pais da noiva, causavam espanto em todos da família.

Esta situação durou até 1963, quando foi dado início à construção daquela que viria a ser a Igreja de Santa Luzia, sede da Paróquia de Jijoca de Jericoacoara, da Diocese de Sobral. A seguir, a história da Igreja e da Festa de Santa Luzia, que é realizada no início de dezembro de cada ano, contando com uma grande participação não só dos fiéis de Jijoca, mas de toda a circunvizinhança. O encerramento da festa acontece no dia 13 de dezembro.

Nos anos sessenta, a cidade de Jijoca era apenas um pequeno povoado. A capela mais próxima era a Igreja de São Francisco, na Caiçara, onde todos os fiéis jijoquenses alimentavam sua fé.

No dia 30 de julho de 1961, o senhor Eliezer Marques, com seus 23 anos de idade, em comemoração ao 1º aniversário de casamento com sua primeira esposa, Maria Nazaré Albuquerque, pediu que o Pe. José Edson Magalhães, então vigário de Cruz, viesse celebrar uma missa em sua casa. A celebração contou com a participação de muitos fiéis católicos, e a missa foi celebrada novamente no ano de 1962.

Em dezembro de 1963, a igreja já estava pronta e já havia sido abençoada por monsenhor Sabino, vigário de Acaraú. Foi aí que aconteceu o primeiro festejo de Santa Luzia. No ano de 1964, sob a coordenação do monsenhor Sabino e do vigário de Cruz, Pe. Edson, aconteceu a primeira Festa de Santa Luzia, que se transformou numa grande romaria religiosa que só cresce a cada ano.

Mesmo com a festa iniciada, a igreja ainda necessitava de muitos recursos financeiros para conclusão das obras. Todos os sábados aconteciam leilões em Jijoca e nas

localidades. O senhor Eliezer saía pelas casas do povoado e também nas cidades vizinhas em busca de doações.

Monsenhor Edson passou a ser vigário de Acaraú. Chegou o novo vigário de Cruz, Pe. Manuel Valderi da Rocha, que vinha celebrar em Jijoca todos os meses. Aconteciam muitos batizados e vários casamentos. Nos outros domingos do mês, aconteciam as Celebrações do Dia do Senhor. O senhor Odilon Pereira Albuquerque foi um dos primeiros dirigentes, assim como vários outros que surgiram no apogeu das CEBs (Comunidades Eclesiais de Base).

No dia 17 de outubro do ano de 1987, a Igreja de Santa Luzia foi transformada em paróquia. O primeiro pároco foi o Pe. Edmilson Eugênio do Nascimento, que iniciou um trabalho de excelentes resultados para toda a região. Na oportunidade, houve a doação de um carro pelo senhor Carlos Alberto, fotógrafo e jornalista que veio morar em Jijoca.

A primeira reforma da igreja foi coordenada pelo Pe. Edmilson. A segunda reforma aconteceu quando o Pe. Raimundo Ribeiro de Melo estava à frente dos trabalhos paroquiais. O ano era 1993, quando estava sendo iniciada a primeira administração municipal. O primeiro prefeito, senhor Sérgio Herrero Gimenez, teve papel fundamental naquela grande reforma.

Chega o ano de 2008 e já está à frente da paróquia o Pe. Francisco Lindomar Filomeno Oliveira. Ele coordena uma reforma total na parte interna da igreja, desde o piso, o altar, a sacristia, a capela do Santíssimo, o batistério, o confessionário e parte interna da torre. Atualmente, nossa matriz se encontra toda reformada, inclusive com outra tonalidade em sua cor, algo que muito tem encantado nossos nativos e turistas que por Jijoca sempre passam.

Os párocos ao longo da história da paróquia:

- 1º Pe. José Edimilson Eugênio do Nascimento
- 2º Pe. Raimundo Ribeiro de Melo
- 3º Pe. José Inácio Avelino
- 4º Pe. Antônio Eudes Cruz
- 5º Pe. Francisco Lindomar Filomeno Oliveira
- 6º Pe. José Fábio Mota

1.7 Jijoca, assim como todo o estado do Ceará, é uma terra de contrastes

Quando os primitivos chegaram a Jijoca, tinham como principal objetivo refugiar-se das secas muito intensas no sertão cearense. Primeiro chegaram os Tremembé, tribo que por

longo período viveu nas margens da lagoa; mas, assim como vieram fugindo das secas, na hora de regressarem também o fizeram por causa delas, que por muitas vezes já deixaram a lagoa sem "um pingo d'água". Então seguiram em busca de outros pontos de sobrevivência, demonstrando que realmente sempre foram nômades (mudavam-se muito de um lugar para outro), mas deixando marcas que se tornaram definitivas na história desta terra.

Você deve estar se perguntando: onde está o contraste desta história? Bem, já houve um tempo em que a Lagoa da Jijoca precisou ser escavada num setor de sua margem para que derramasse uma parte de suas águas no Oceano Atlântico e não derrubasse algumas residências de moradores. Também já houve perfuração de "cachimbas" no leito da lagoa para que pessoas e animais não sofressem sede. Que contraste maior que esse? Às vezes o povo jijoquense sofre consequências de inundações; outras vezes, sofre por falta d'água.

De acordo com informações de jijoquenses primitivos, durante o decorrer do século XX a lagoa atingiu seu auge de inundações nas décadas de 60, 70 e 80, cumprindo-se as profecias dos antepassados que já previam muitas das ocorrências citadas: ora teríamos inundações, em outros períodos sofreríamos os efeitos das secas. Estas são algumas características da lagoa. Entre os anos de 1993 e 2009, permaneceu praticamente seca, com poucas possibilidades de cumprir suas funções. Em 2009, o inverno só começou no mês de março, mas, para surpresa de muita gente, a lagoa encheu quase por completo, revelando um contraste misterioso em sua existência.

No ano de 1986, a lagoa chegava onde está localizado o prédio da prefeitura, numa profundidade de aproximadamente 60 centímetros. Naquela época, achávamos que aquele local seria sempre inadequado à construção, já que estava "brejado" (encharcado), na linguagem popular. Mas o tempo se encarrega de produzir modificações que só mesmo vivenciando teremos a capacidade de acreditar. Então é nessa hora que o registro por escrito torna-se importante como objeto de estudo pelas pessoas que não habitavam neste município ou que vieram a nascer depois destes acontecimentos.

1.8 Histórias da educação: a importância de José Osmar Fonteles e Pergentina Andrade Fonteles na implantação do modelo de educação de Jijoca

O modelo educativo de Jijoca baseava-se naquele sistema em que as crianças frequentavam um mês ou, no máximo, três meses de aula, para aprender a tirar "as quatro peças de contas", ler um bilhete e ser capaz de escrever outro. Isto durou até 1950, quando, por intermédio do prefeito de Acaraú, senhor Manuel Duca da Silveira, o então governador do estado mandou construir a Escola José Teixeira de Albuquerque. No início, não teve como funcionar em termos pedagógicos, por falta de professores, mas a população começou a utilizar a escola como clube de dança de forró "pé de serra". Após 35 anos de existência, o

colégio teve iniciação pedagógica pelas ações de um casal muito comprometido com a educação da nossa terra.

O jijoquense José Osmar Fonteles havia deixado sua terra natal para prosseguir seus estudos em Sobral, já que Jijoca tinha apenas até a 4ª série em casa particular. Era o auge das CEBs (Comunidades Eclesiais de Base) e José Osmar havia se engajado no MEB (Movimento de Educação de Base), uma ação da Diocese de Sobral. José Osmar fora convidado pelo vigário de Cruz, Manoel Valderi da Rocha, para frequentar o Seminário Dom José Tupinambá da Frota. Aceitando o convite, ainda ficou por mais de um ano, quando saiu e deu outro prosseguimento à sua trajetória estudantil, na qual obteve muito sucesso.

Conheceu Pergentina Andrade, que estava no convento das freiras para fazer um trabalho de servir a Deus como irmã de caridade. Aconteceu, porém, que ela desistiu daquele propósito para formar uma família ao lado de José Osmar. Ambos formaram um casal de muito sucesso e dedicaram-se à educação. No ano de 1985, resolveram mudar-se para Jijoca, onde reabririam o Colégio José Teixeira e dariam início a um grande trabalho educacional em prol de Jijoca e das localidades adjacentes. Tudo aconteceu como o casal programou. Chegaram a Jijoca, formaram as turmas e, como aquele colégio estava sem a mínima condição física, começaram na igreja, depois ingressaram no colégio.

Naquela época, estávamos vivenciando a campanha eleitoral da eleição do primeiro prefeito de Cruz, recém-emancipada. Tudo ocorreu muito bem: Jonas Muniz foi eleito e formou uma parceria com o Colégio José Teixeira, passando a contribuir com a referida instituição. Em 1986, o casal mencionado por tantas vezes nesta história conseguiu implantar um convênio com a TV Educativa do Ceará (TVC), o qual veio amenizar a carência de professores. Foram implantadas turmas que eram mantidas pelo município de Cruz. O trabalho prosseguiu de forma satisfatória até chegar um novo período eleitoral, em 1988, que alteraria o andamento das ações do colégio. Apesar de todas as dificuldades, o casal implantou o sistema de educação de Jijoca no modelo construtivista, democrático e participativo.

1.9 Sobre a origem de Jericoacoara

Pesquisando alguns escritos do historiador cearense Raimundo Girão, com a finalidade de buscar algum relato sobre Jericoacoara, foi possível localizar informações de que um espanhol de nome Vicente Yáñez Pinzón esteve no serrote de Jericoacoara um pouco antes da vinda de Pedro Álvares Cabral, a mando do rei D. Manuel, no ano de 1500. Não descobrimos nada sobre a retirada de Pinzón; daí, continuando a pesquisa, encontramos algo sobre a Capitania do Siará (assim chamado pelos índios) e sobre um senhor de nome

Antônio Cardoso de Barros que, tendo recebido do rei de Portugal as terras que hoje formam o estado do Ceará, não aceitou ser o donatário por medo das secas e dos indígenas. Então a Capitania do Ceará ficou no comando do donatário de Pernambuco, o senhor Jerônimo de Albuquerque.

O comandante de Pernambuco organizou uma expedição com destino ao litoral cearense, especificamente ao serrote de Jericoacoara, onde construiu o Forte de Nossa Senhora do Rosário, com a utilização de estacas e outros materiais. Não sabemos por quanto tempo Jerônimo de Albuquerque ficou em Jericoacoara, mas descobrimos que a família Albuquerque é a maior em Jijoca e que até o Colégio José Teixeira de Albuquerque pode ter esse nome ligado aos familiares do explorador de Jericoacoara, senhor Jerônimo de Albuquerque.

Jericoacoara viveu uma tranquilidade natural até 1984, quando foi descoberta por pessoas de vários lugares do mundo. Pela ação de João Jaime Neto, vereador de Acaraú, a localidade ficou conhecida oficialmente em Brasília, no final do governo de João Figueiredo, que assinou documentos de preparação para criação da APA (Área de Proteção Ambiental). Daí então, os turistas começaram a chegar e logo compraram terras dos nativos, nas quais foram construindo seus comércios e pousadas. As construções irregulares logo criaram problemas de desobediência às leis ambientais, até que o Governo Federal decidiu pela criação do Parque Nacional de Jericoacoara.

1.10 Economias primitivas em Jericoacoara

No começo, os moradores do "Serrote" sobreviviam exclusivamente da pescaria artesanal; um pouco mais tarde iniciariam os pequenos comércios de gêneros alimentícios. Foi nessa época que alguns moradores de Baixio e de outras localidades levavam farinha de mandioca e goma para vender e comprar peixes dos canoeiros, para venderem nas suas localidades de origem. Havia também as "tapioqueiras", que faziam tapiocas e as trocavam por peixes com os pescadores. Essa economia duraria por vários e vários anos, até o início das atividades turísticas.

CAPÍTULO II — ORIGENS DA COMUNIDADE DE BAIXIO

Baixio tem início da sua história oficial no ano de 1925. Naquela época, saíram da margem oeste da Lagoa de Jijoca os irmãos Antônio Ferreira Brandão e Francisco Ferreira Brandão. Ambos procuravam terras apropriadas à agricultura e à pecuária. Encontraram uma floresta que seria a solução do problema. De início, fizeram a demarcação de uma área correspondente a uma légua quadrada. Logo começaram o desmatamento. Em seguida, convidaram parentes e amigos para que contribuíssem naquele empreendimento. Assim, as famílias foram chegando, construindo "casas de taipa", que era a forma prática de aquisição de moradias.

Precisaram criar um nome para o novo local. A fonte de referência foi um "córrego" encontrado dentro da mata. Como era de se esperar, o primeiro nome da localidade foi "Córrego de Dentro". Mais tarde, com o aumento na derrubada da mata, descobriram várias "baixas", que eram pequenos córregos. Então um dos trabalhadores pronunciou: "Aqui não se trata apenas de uma baixa; isso aqui é um verdadeiro Baixio." Daí em diante, o nome passou a ser dito por todos os moradores e acabou se transformando neste local tão querido por todos.

No ano de 1935, o senhor Raimundo Pereira de Souza iniciou seus trabalhos agrícolas juntamente com seus filhos e sua esposa nesta localidade. No início, vinham a trabalho e voltavam sempre aos finais de semana, até que, em 1940, passou a morar definitivamente. Dentro de poucos anos, já compraram um terreno de 200 hectares de terra para realização de suas necessidades agrícolas e pecuaristas. Raimundo Souza destacou-se pela sua generosidade e honestidade, chegando a ser o primeiro comerciante daqui. Ao todo, tinha 10 filhos, sendo 6 homens e 4 mulheres. Os filhos eram: Antônio, José, Juvenal, Nonato, Francisco das Chagas e Pedro Souza. As filhas tinham a seguinte denominação: Maria, Tereza, Emiliana e Rita.

2.1 Escrituras da terra comprada por Raimundo Pereira de Souza

Escritura Particular — 1ª via

> Dizemos nós abaixo assinados, Antônio Ferreira Brandão e Emiliana Maria Brandão (marido e mulher), que somos senhores e legítimos possuidores de oitenta braças de terra de largura, no corpo da área de terra do lugar denominado Córrego de Dentro, deste termo, e que se limitam ao Norte com terras do Sítio Santo Eliseu deste termo; ao Sul com terras de Gregório Celestino Sampaio ou Ângelo Teixeira; ao Nascente com terras de Raimundo Francisco Dutra; ao Poente com terras do mesmo comprador; as quais eram do nosso poder por compra feita aos senhores Antônio Lulo de Souza e sua mulher Silvina Maria de Jesus, e Manoel Torquato de Souza e

sua mulher Tereza Maria de Jesus, conforme escritura pública lavrada pelo 1º tabelião público interino Neon Teles Lopes, no dia 18 de julho do ano de 1927, e registrada no Cartório de Imóveis deste termo sob o nº 1750. E assim como possuímos, resolvemos vender, como de fato vendida temos, sem embaraço judicial ou extrajudicial, as oitenta braças de terra acima descritas ao senhor Raimundo Pereira de Souza, pelo preço e quantia de quinhentos cruzeiros (Cr$ 500,00), que neste ato recebemos do comprador em moeda corrente e legal deste país, pelo que lhe damos plena e geral quitação, cedendo-lhe e transferindo-lhe, por bem da presente e da cláusula constituto, todo domínio, direito, ação e posse que tínhamos sobre a terra ora vendida. E por nós e nossos sucessores e herdeiros nos obrigamos a fazer esta venda boa, firme e valiosa em todo tempo, pondo o comprador em paz e a salvo de quaisquer dúvidas ou contestações futuras, e a responder pela evicção de direito. Declaramos, mais, que a terra vendida se acha quite com as fazendas Federal, Estadual e Municipal. E por assim estarmos juntos, combinados e contratados, mandamos fazer a presente escritura particular em duas vias, em que vai assinada pelos vendedores e pelas testemunhas abaixo.

Acaraú, oito de dezembro de 1948.

Antônio Ferreira Brandão

Emiliana Maria Brandão

Raimundo Pereira de Souza

Testemunhas:

Braz Ferreira da Silva

João Pessôa de Medeiros

2.2 Históricos da família de Geraldo Pereira Brandão após a chegada em Baixio

Proveniente do Distrito de Prata, município de Bela Cruz, chegava no ano de 1940 Geraldo Pereira Brandão com todos os familiares. Também compraram grande terreno e começaram os trabalhos no novo local. Aconteceu um fato marcante em relação ao senhor Geraldo Pereira. Ele, vendo a dificuldade de deslocamento, organizou um movimento que resultou na estrada que liga Baixio à Lagoa dos Monteiros. Combinou com familiares que residiam em Monteiros para que eles fizessem uma grande fogueira, enquanto ele e os filhos construíram outra em Córrego de Dentro. Ambas foram acesas simultaneamente. Enquanto isso, um grupo de homens começou a cortar a mata na direção das fogueiras. Assim a estrada nasceu.

Deve-se à família Pereira Brandão o começo de acontecimentos importantes daqui. Em primeiro lugar, as filhas de seu Geraldo começaram a rezar novenas e a fazer a

"coroação de Maria" a cada ano; depois, iniciaram a primeira escola de alfabetização e de outras séries de maior grau de instrução. Foram iniciativas que contribuíram bastante para que Baixio tivesse essa importância imensa na educação de muitos dos seus moradores.

Em 1945, chega à localidade a família do senhor Gonçalo Pedro de Araújo, para trabalhar nas funções de agricultor e vaqueiro. Seu Gonçalo destacou-se principalmente pela profissão de vaqueiro, a qual realizava com muita capacidade, sendo auxiliado por Sebastião Gonçalo, seu filho mais velho. A família tinha os seguintes componentes: Sebastião, Luiz Gonzaga e Manoel; as filhas Idácia, Águida Maria, Raimunda e Francisca Maria; e a esposa, Maria do Livramento Araújo.

2.3 Realidades da época: economia

Nas décadas iniciais, as famílias sobreviviam exclusivamente da agricultura. Plantavam feijão, milho e mandioca, e criavam alguns animais. Naquele tempo, um hectare produzia oito alqueires de milho, quatro alqueires de feijão, e a mandioca do terreno conhecido como "cem passos" rendia 20 "arrancas de roça", sendo que uma "arranca" correspondia a seis cargas de mandioca. Então esse sistema de agricultura de subsistência durou até o aparecimento da valorização da castanha de caju, que daí em diante foi a base da economia de Baixio. Mais tarde, quando a castanha desvalorizou, iniciou-se um grande êxodo rural. A maioria dos jovens completava 18 anos e já viajava, principalmente, para São Paulo.

Transportes. Em relação ao deslocamento, praticamente não existiam caminhos e viajava-se pelas veredas estreitas no meio da mata. A travessia mais destacada na época era o "Travessão do Veríssimo", que ligava o "Córrego de Dentro" à "Jijoca Velha". Mais tarde, o referido caminho foi ampliado até Santo Isídio e, de lá, ao "Cajueirinho do Zé Batista". Com o decorrer do tempo, foram surgindo caminhos que ligavam "Córrego de Dentro" à Granja e depois ao Acaraú. Foi aí que surgiram os "comboieiros", que transportavam os produtos da agricultura até as cidades mais próximas.

2.4 Histórias da religião

Fundação da CEB (Comunidade Eclesial de Base). Em 1972, já com o nome de Baixio, os moradores cultivavam a fé no povoado de "Caiçara". Aconteceu que o país vivenciava a ditadura militar e os movimentos de resistência contra aquele regime começaram a surgir, porque muitos o consideravam muito prejudicial ao desenvolvimento da democracia. Então a Diocese de Sobral pregava a fundação das CEBs (Comunidades Eclesiais de Base) em suas respectivas paróquias. Numa tarde de domingo, na "casa de farinha" do senhor João Geraldo, moradores e moradoras de Baixio receberam a visita de

alguns "Dirigentes do Dia do Senhor", que numa grande concelebração criaram o "Movimento de Celebração do Evangelho", onde escolheram Raimundo Dutra para dirigente da palavra e Edmar Dutra como coordenador, acompanhados por um coral.

Entre os anos de 1972 e 1974, a comunidade esteve unida para construir o Prédio Comunitário, que seria o local das reuniões e das Celebrações da Palavra de Deus, que aconteciam aos domingos, sendo marcadas por uma participação admirável. Tudo transcorria normalmente até que o dirigente comunitário anunciou uma viagem para Goiânia por tempo indeterminado. Em assembleia geral, o povo escolheu Raimundo Jacinto de Souza para continuar a missão de pregador da "homilia", que era considerada uma espécie de sermão após a leitura do Evangelho. Aquele movimento religioso foi perdendo forças após alguns anos, mas deixou um saldo positivo pelos "mutirões" realizados. Construíram, além do Prédio Comunitário, um cemitério e uma horta, e promoveram grandes ajudas em serviços, em alimentos e em outras formas da convivência comunitária.

2.5 Um acontecimento religioso em Baixio

No ano de 1976, auge das CEBs (Comunidades Eclesiais de Base), aconteceu a "Paixão de Cristo", vivenciada pela população local. Era um elenco composto por mais de 40 artistas amadores, mas que desempenharam excelentes papéis porque ensaiaram bastante. O evento ocorreu nas imediações do Prédio Comunitário e a participação do povo foi imensa. Naquela época não tínhamos energia elétrica; portanto, a televisão ainda não representava a menor interferência na sociedade baixiense.

Na época, eu tinha vontade de participar, mas a pouca idade não permitia. Porém, lembro bem de alguns personagens importantes: Jesus Cristo foi representado por Paulo Pedro de Souza; a mãe de Jesus era representada por Irene, filha de dona Júlia Penha; Expedito Pio representava Caifás; um senhor de nome Erasmo representou o imperador Pôncio Pilatos. Cada participante demonstrava um grande prazer em poder ajudar a cultura religiosa daqui.

O referido acontecimento teve tanto êxito, mas ficou numa única exibição. Isso ninguém entende: por que ficou no esquecimento, se seria o maior momento cultural e religioso da comunidade? Deveria ter se tornado tradicional, mas infelizmente não avançou e, hoje em dia, quando chega a paixão e morte de Jesus Cristo, o que importa ao povo são apenas os feriados de quinta e sexta-feira.

O tempo passa sem esperar por ninguém. As coisas, as pessoas, as paisagens estão sendo modificadas em todos os momentos. O pensamento e a prática não ficam fora desta lógica; sendo assim, as ações de um povo ou de um povoado vão sofrendo modificações que podem ser melhores ou piores para quem se torna sujeito da história. Já nos anos 90,

uma força de paz retorna ao povoado para dar prosseguimento ao movimento religioso outrora nascido através da força, coragem e união de todos. Assumindo a coordenação dos trabalhos, o senhor João Onofre Brandão (João Teotônio) liderou o movimento que transformaria o Prédio Comunitário em Capela de São Geraldo Magela. Este fato histórico veio dar início a uma nova evangelização.

Houve uma pequena dúvida na hora da escolha do padroeiro, mas o bom senso prevaleceu e, de comum acordo, escolheram São Geraldo Magela, pela importância do senhor Geraldo Pereira Brandão nas atividades educacionais e religiosas e por ter sido o doador do terreno onde a igreja foi construída; foi entendido que seria justa a escolha do padroeiro de Baixio. Logo que foi feita a escolha, também foi iniciada a festa do padroeiro. No primeiro ano, o movimento durou apenas três dias; já no segundo, durou cinco dias; e, a partir do terceiro ano, a Festa de São Geraldo Magela é comemorada em dez dias, sendo iniciada no dia sete de outubro e terminada no dia dezesseis. Para que a festa tenha êxito, a comunidade convida vigários que já passaram pela Paróquia de Santa Luzia (Jijoca, da Diocese de Sobral), além de religiosos das localidades circunvizinhas, que realizam uma espécie de "concelebração".

2.6 Educações de outrora

Nas décadas iniciais do século XX, não tínhamos qualquer estrutura em termos de educação, pois não tínhamos escolas nem professores. Diante de tal situação, o senhor Raimundo Souza contratou uma moça para "desarnar" os seus filhos e filhas, para que tivessem oportunidade de ler um bilhete e fazer outro, e que aprendessem a "tirar as quatro peças de contas", ou seja, resolver as operações fundamentais. Aquela ação surtiu efeito positivo, porque a maioria dos filhos de seu Raimundo Souza aprendeu a ler um pouco, tendo destaque bem maior o filho mais velho, Antônio Raimundo de Souza, que durante um mês de ensino aprendeu normalmente a leitura, tendo inclusive, mais tarde, lido a Bíblia Sagrada por completo.

Depois de alguns anos, as filhas do senhor Geraldo Pereira Brandão iniciaram uma escola regular, que era mantida precariamente pela Prefeitura Municipal de Bela Cruz, sob a coordenação da supervisora Marilza Lousado, que gerenciava o Departamento de Educação do referido município. No ano de 1971, a professora era Maria Celeste Brandão, que fez um bom trabalho em prol da educação de Baixio. Ela lecionava numa residência que atualmente fica localizada de frente para a Igreja de São Geraldo. Depois de dois anos, teve que retirar-se por causa do casamento com um rapaz que morava em São Luís do Maranhão.

O sistema de educação não poderia mais ser paralisado; portanto, foi aí que a senhora Maria Eridan Monteiro montou uma nova escola em sua própria casa e, através de

muito sacrifício, conseguiu ajudar muita gente na leitura e na escrita. Ela apelou logo para turmas multisseriadas (1ª, 2ª e 3ª séries numa única sala). O trabalho teve excelentes resultados porque, até os dias atuais, muitas pessoas que moram na localidade e gente que mora em outros estados, quando escutam falar de escola em Baixio, lembram sempre da contribuição que receberam da senhora Eridan Monteiro.

2.7 Resumos da história da Escola Francisco Ferreira Brandão

No ano de 1978, o então prefeito de Bela Cruz, Júlio França de Sousa Neto (de saudosa memória), passou em Baixio para verificar de perto a realidade da comunidade em relação à saúde e à educação. Daí então constatou ser a construção de uma escola no povoado um ato emergencial. De volta a Bela Cruz, tratou de elaborar o projeto. Num domingo à tarde, procurou o senhor Geraldo Pereira e anunciou que em breve estaria realizando o sonho da população de Baixio, através da edificação do primeiro prédio escolar da localidade. Em resposta, seu Geraldo disse o seguinte: "Esses prefeitos vivem prometendo as coisas, mas não fazem nada." Júlio França ficou meio chateado com aquela afirmação e, no dia seguinte, mandou todo o material da referida construção.

Existia um projeto de nome PRODECOR (Programa de Desenvolvimento das Comunidades da Zona Rural), que financiava obras como esta a que nos referimos. Através dele, o prefeito solucionou um problema que há tantos anos afligia aquela população. A escola ficou pronta no ano de 1979 e iniciou seus trabalhos pedagógicos em 1980, sob a coordenação da professora Maria Eridan Monteiro, dando sequência à missão que sempre desempenhou em prol da educação deste lugar.

Em relação ao nome Francisco Ferreira Brandão, deve-se à influência política do senhor Antônio Ferreira, que apontou o nome do pai dele, até pela importância que representa na origem da própria comunidade, pois, juntamente com o irmão Antônio Venâncio, chegaram em Baixio no ano de 1925. A instituição educacional deu início às suas atividades pedagógicas no ano de 1980 e recebeu toda a documentação das pequenas escolas que antes funcionaram em residências particulares.

2.8 Resumos da história da Escola Reunida Raimundo Pereira Dutra

Manuel Duca da Silveira Neto era prefeito de Acaraú no ano de 1978, então decidiu pela construção de uma escola na comunidade de Baixio, que na época pertencia também ao município de Acaraú. Pelo PRODECOR ele adquiriu os recursos financeiros e recebeu do senhor Adriano Ferreira Brandão a doação do terreno onde a escola foi construída. Na hora da escolha do nome, não quis homenagear uma pessoa de Baixio, tendo escolhido o nome do avô materno, que era Manuel Duca da Silveira. A referida escola mudou de nome com a

implantação do município de Cruz, em 1986. Na oportunidade, a secretária de Educação, Maria Alice do Nascimento, pediu informações ao senhor Gabriel Brandão sobre moradores pioneiros da localidade, para que a escola recebesse um novo nome. Ele então sugeriu Raimundo Pereira Dutra. A secretária aceitou a sugestão e, a partir daquele ano, aquela instituição recebeu uma nova denominação.

A escola, quando esteve sob domínio do município de Acaraú, praticamente não desenvolveu atividades pedagógicas. Só a partir da gestão administrativa do município de Cruz, sob o comando do ex-prefeito Jonas Muniz, passou a funcionar em três turnos: manhã, tarde e noite. Como a energia elétrica não existia na comunidade, a solução foi o "lampião de gás", com um incentivo maior da ex-professora Maria Ivone Brandão. A gestão de Cruz durou apenas sete anos, pois já em 1993 o município de Jijoca de Jericoacoara assumiria os destinos administrativos de Baixio.

2.9 Resumos da história da Escola Antônio Dutra de Sousa

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Antônio Dutra de Sousa vem, já há 16 anos, promovendo educação para os moradores da comunidade de Baixio e comunidades circunvizinhas. Como toda instituição, ela tem sua história para contar. Fatos interessantes aconteceram mesmo antes de sua criação. Ao ver a necessidade da criação de uma nova escola, o prefeito da época, Sérgio Herrero, pediu aos seus cabos eleitorais que arranjassem um terreno doado para construir a escola; o doador receberia como recompensa o nome da instituição de ensino e ganhava ainda três empregos para os familiares.

O senhor Antônio Dutra de Sousa autorizou a doação do terreno e seu filho Raimundo Dutra, que era cabo eleitoral do prefeito, agilizou o processo de doação. Com isso, a escola recebeu o nome do doador ainda em vida: E.M.E.F. Antônio Dutra de Sousa. Três de seus filhos foram beneficiados com o emprego prometido; atualmente há apenas dois trabalhando na referida escola, porém ambos estão concursados. O real motivo para a construção da escola surgiu com a necessidade de construir outra unidade de ensino, pois o contingente de alunos tinha aumentado na comunidade e só as escolas Pedro Pereira Pinto e Raimundo Pereira Dutra, já existentes, não estavam mais acomodando todos os alunos. A Escola Raimundo Pereira Dutra estava usando uma garagem do senhor Antônio Paulo, vice-prefeito na época, para acomodar duas turmas. A iniciativa de construir a escola foi política; sua construção começou no ano de 1993 e, em abril de 1994, ela começou a funcionar com Educação Infantil e Fundamental I. O que mais influenciou a construção dessa escola foi a falta de espaço para as crianças estudarem, a cobrança das famílias perante a situação e a iniciativa política para construir esta unidade de ensino.

A Escola Antônio Dutra de Sousa está inserida em uma comunidade da zona rural bastante tranquila, onde os valores da família ainda são muito fortes. A maioria dessas famílias vive da agricultura; uma minoria, do comércio e do funcionalismo público. Nossos alunos encontram-se quase em sua totalidade pertencentes à classe social baixa, com uma renda familiar abaixo de R$ 1.000,00. Muitos acontecimentos importantes ocorreram nesses 16 anos de existência, porém houve alguns de bastante relevância para o crescimento da escola. No ano de 2006, a Escola Antônio Dutra de Sousa recebeu os alunos da Escola Pedro Pereira Pinto, pois, como se pensava em nuclear esta escola, foram trazidos estes alunos para cá. No ano de 2007, esta escola passou por uma ampliação na estrutura física, com o propósito de melhorar o ambiente escolar para todos os alunos e receber os alunos da Escola Raimundo Pereira Dutra, que vieram no ano de 2008. Toda essa mudança trouxe bastantes benefícios para os alunos da comunidade de Baixio, pois hoje tem uma escola bem estruturada, promovendo uma educação com qualidade. Ainda nos anos de 2008 e 2009, a escola, vindo de uma crescente no que se refere ao processo de ensino-aprendizagem, conquistou o "Prêmio Escola Nota Dez", de acordo com a Lei 14.371, de 19/06/2009, prêmio esse que evidencia a alfabetização dos alunos do 2º ano, onde em 2009 ficou em terceiro lugar no ranking das escolas de melhor desempenho em alfabetização no estado do Ceará.

A Escola Antônio Dutra de Sousa vem, ao longo de sua história, atuando com base em princípios e valores pautados no respeito ao próximo, trabalhando de forma democrática, promovendo a inclusão social com muito compromisso. A coletividade é uma marca forte dentro da escola, pois estamos sempre juntos para encarar os desafios existentes. É com essa postura que a Escola Antônio Dutra de Sousa se sente muito importante para a sociedade, pois não está aqui para ensinar somente o conteúdo acadêmico, mas também para ensinar valores a seus alunos, para que sejam cidadãos conscientes de seus direitos e deveres como membros de sua comunidade e de uma sociedade mais justa e igualitária.

Está situada na comunidade de Baixio, mas recebe alunos das comunidades de São Miguel e Córrego de Dentro, do município de Camocim; da comunidade Bom Futuro, do município de Bela Cruz; e da comunidade de Córrego do Mourão, aqui mesmo em Jijoca de Jericoacoara. Sua clientela são alunos do 1º ao 9º ano, quase todos pertencentes à classe social baixa, pois seus pais trabalham na agricultura; só uma minoria vive do comércio e do funcionalismo público. Com essa clientela, a escola enfrenta algumas dificuldades para desenvolver um bom trabalho com os alunos, pois temos famílias que não colaboram com a escola para melhorar a educação de seus filhos. Portanto, a ausência da família é um fator relevante para dificultar o trabalho da escola, bem como a falta de perspectiva de futuro para os adolescentes, gerando em alguns casos um profundo desinteresse pelos estudos, e a

estrutura física inadequada, não atendendo a todas as necessidades desejadas pela escola para a promoção de um melhor desempenho de aprendizagem.

A Escola Antônio Dutra de Sousa se encontra hoje com 206 alunos, sendo 125 do 1º ao 5º ano e 81 do 7º ao 9º ano; neste ano de 2010, a escola não tem 6º ano. Ainda é composta por 08 professores, 01 diretor, 02 coordenadores (dividido por modalidade) e 13 funcionários, que são merendeiras, auxiliares de limpeza, zelador e vigias. Diante do que foi constatado, a escola tem uma imagem bastante positiva dentro da comunidade, tanto que recebe alunos de outras comunidades, pois tem uma boa aceitação. É isso que se espera da escola: que trate todos por igual, que promova uma educação com qualidade e que não desista jamais do aluno com dificuldade, porque a família é importante na formação do ser humano, porém a escola complementa essa formação de maneira muito positiva quando se propõe a desenvolver um trabalho digno de uma instituição de ensino.

O Projeto Político-Pedagógico é de suma importância para a escola, pois parte de um ideal e caminha, passo a passo, até transformar-se em realidade. Portanto, é uma necessidade, e não uma obrigação, e é resultado de um processo de questionamentos que envolverão a comunidade escolar. Esperamos que tão precioso documento, resultado de muito esforço e dedicação, não acabe dentro de uma gaveta na sala da direção da escola, visto que não podemos tê-lo como algo pronto e acabado, pois faz parte de um processo contínuo de busca por novas estratégias para a melhoria das práticas desenvolvidas em prol do processo ensino-aprendizagem, bem como da busca incessante pela autonomia, amparada legalmente nas esferas da educação.

Atualmente, a Escola Antônio Dutra de Sousa se encontra com um Núcleo Gestor bastante comprometido com uma educação de qualidade e, consequentemente, de resultados, tendo como parceiro um grupo de professores muito responsáveis, que busca cotidianamente formas diferentes de melhorar o aprendizado dos alunos. Foi com essa garra que a escola alcançou, no ano de 2009, o segundo melhor IDEB do município (4,7) no 9º ano do Ensino Fundamental II e conquistou a terceira posição de melhor escola em alfabetização do 2º ano do Ensino Fundamental I no estado do Ceará.

2.10 Resumos da campanha política de 1976

O senhor Pedro Pereira Brandão foi um dos primeiros moradores da comunidade e foi também o primeiro motorista e proprietário do 1º jipe que surgiu na comunidade, e tinha um bom conhecimento em toda a região do Vale do Acaraú, porque, além de motorista (na época, chofer), era também um grande agricultor. Estes e outros antecedentes lhe deram a oportunidade de ser candidato ao cargo de vereador nas eleições de 1976, tendo sido também o candidato mais votado, com um número superior a 1.000 votos, o que indicava

por lei a garantia de ser o presidente da Câmara Municipal de Acaraú. Mas, apesar desse direito, esta condição não foi respeitada e o senhor Pedro Brandão não chegou a ser presidente daquela instituição pública municipal. Esse fato lamentável tirou-nos a chance de ter um baixiense na presidência da referida Câmara Municipal.

2.11 Realidades políticas (1985-1988) na região de Cruz e Jijoca

Em 1985, houve a primeira eleição de Cruz-CE. O prefeito escolhido foi o senhor Jonas Muniz. Ele fez uma administração boa; em relação à administração de Acaraú, não restam dúvidas de que melhorou bastante. Naquele tempo, havia a Fundação Afonso Fontes ajudando no desenvolvimento da região. Jijoca foi contemplada com uma camionete Chevrolet D10, que era uma espécie de ambulância para resolver muitos casos de saúde da população. Às vezes, o próprio Afonso Fontes ou o deputado Domingos Fontes promoviam a vinda de médicos e enfermeiros até o hospital do senhor Carlos Alberto.

Uma tarde, todos os alunos da Escola José Teixeira foram até o hospital para uma verificação da pressão arterial, porque seria iniciada a prática de Educação Física na escola e, às vezes, no Balneário Carlos Alberto, que fica bem próximo da Barraca do Evilásio (Marroco). Depois da prática, nadávamos na lagoa, que estava no limite máximo. Foi uma época inesquecível. O meu transporte da época era uma bicicleta e resolvia muito bem meu deslocamento.

No ano de 1986, aconteceu um fato lastimável: o futuro deputado federal Afonso Fontes foi assassinado covardemente em Fortaleza. O lamentável ocorrido abalou todo o Vale do Acaraú, principalmente o recém-criado município de Cruz e o Distrito de Jericoacoara, que vinham recebendo uma atenção especial daquele senhor. Ficamos sabendo da notícia pela Rádio Verdes Mares de Fortaleza, logo cedo, no Programa Narcélio Limaverde, que tinha uma grande audiência na região.

A população estava sentida também pelo assassinato do vereador José Odécio de Albuquerque, que representava Jijoca na Câmara Municipal de Acaraú. A trajetória política do nosso município guarda muitos acontecimentos que hoje em dia só existem na memória de poucos, talvez porque seja do interesse de "gente importante", que confia na grande capacidade que nosso povo tem para esquecer os fatos políticos da região.

Eis que chega o ano de 1988, mais um ano de eleição. A situação administrativa de Cruz apresentou como candidato oficial o senhor Antônio Raimundo de Araújo, tendo sido eleito para o quadriênio 1989-1992. Foi durante o governo de Antônio Raimundo que ocorreu toda a movimentação emancipatória do município de Jijoca de Jericoacoara. Um fato bastante esquisito foi alguns políticos de Cruz ficarem contra a emancipação de Jijoca, se há bem pouco tempo o Distrito de Jericoacoara tinha sido de fundamental importância

para que Cruz conseguisse liberdade política.

O vereador Valcir estava querendo convencer o senhor João Brandão de que Jijoca estava muito nova para ser um município, então perguntou: "O que você acha, seu João?" Daí, seu João remexeu no interior de sua sabedoria e respondeu: "Jijoca pode até estar nova, mas eu já vi muitas crianças de 7 meses nascer e ser criadas muito bem." Esta resposta serviu de aprendizado ao vereador, que na hora ficou sem palavras.

2.12 Sobre o plebiscito e a primeira eleição de Jijoca

Era dia 7 de setembro do ano de 1990. O plebiscito de Jijoca estava marcado. Alguns moradores eram contra, por achar que não tínhamos um cidadão rico para ser o prefeito, porém a grande maioria pensava melhor e o comparecimento foi satisfatório. Fomos escolhidos para presidir uma das seções de votação, que funcionou na Escola Reunida Raimundo Pereira Dutra. Ficamos contentes, porque ajudar nossa terra natal a se tornar um município era um objetivo a tornar-se realidade sonhada, porque aguardávamos a melhoria de situação em todos os aspectos: político, social e econômico.

A votação transcorreu da melhor maneira possível, com uma aprovação de quase 100%. Iniciava-se o ano de 1991 e havia uma preocupação dos responsáveis pela criação do município, porque o governador de então, Tasso Jereissati, estava no final de seu mandato e com viagem marcada para os Estados Unidos, logo no início do mês de março. Foi aí que João Jaime Neto contribuiu com sua influência política, agilizando a criação do nosso município.

No ano de 1992, teve início a campanha eleitoral para escolher o primeiro prefeito. Começaram a surgir candidatos. O grupo político de João Jaime se desmanchou, surgindo assim o candidato estrangeiro Sérgio Herrero Gimenez, que criou logo o seu partido (PSD — Partido Social Democrático, nº 41), escolhendo como vice-prefeito o senhor Antônio Paulo. João Jaime permaneceu no PSDB (Partido da Social Democracia Brasileira) e teve como candidato a vice o senhor José Osterno. Enquanto isso, um grupo preocupado para que Jijoca fosse governada por uma pessoa mais próxima da realidade do povo criou o Movimento "Unidos pela Jijoca". Este movimento reunia moradores, professores, alunos e pessoas comprometidas com uma administração popular.

Foi feita uma pré-eleição, que escolheu o senhor Geraldo Marques da Cunha para prefeito e, para vice, o segundo colocado, senhor Eliezer Marques. O partido foi o PDT (Partido Democrático Trabalhista). A campanha foi muito animada, realizaram-se vários comícios, até que chega o dia tão esperado: 3 de outubro de 1992. A maioria do eleitorado escolhe como 1º prefeito o espanhol naturalizado brasileiro, senhor Sérgio Herrero Gimenez, e o vice-prefeito Antônio Paulo.

2.13 Realidades da comunidade

Como iniciei narrando a história da comunidade depois da emancipação e criação do município de Jijoca, posso, com toda segurança, escrever sobre este assunto, porque estive acompanhando de perto a maioria dos acontecimentos. Aqui em Baixio, sempre vivenciamos o abandono dos mandatários, seja de Acaraú, Cruz, Bela Cruz ou Jijoca. Temos um problema grave, que é o fato da comunidade ser dividida entre dois municípios, pois o prefeito de Bela Cruz não faz quase nada porque a maioria dos eleitores pertence a Jijoca. Já o prefeito de Jijoca beneficia-se pelo fato de uma grande parte do nosso território estar localizada no município de Bela Cruz; assim seguimos nessa indefinição.

Um fato que considero lamentável é que, apesar de ser uma comunidade com mais de 1000 habitantes, nunca tivemos pelo menos um campo de futebol com capacidade de atender a nossa juventude. Temos uma quadra que, pela sua estrutura, seria poliesportiva, mas, por enquanto, mesmo depois de tanto tempo de construída, não tem serventia de quase nada para a função a que ela foi destinada. O esporte em Baixio, infelizmente, sempre foi caótico, sem pessoas de responsabilidade para elevar o nome do lugar através de práticas desportivas.

Em termos de abastecimento d'água, vivenciamos esta dificuldade, porque desde sua implantação o nosso sistema tem servido como "moeda de compra de votos", o que não deixa de ser lamentável. Ainda não tivemos representantes políticos comprometidos com os verdadeiros anseios da nossa coletividade. Precisamos de pessoas honestas, comprometidas e que mereçam e correspondam à confiança do nosso povo. A nossa juventude é a esperança de melhorias, porque hoje em dia está bem mais fácil buscarmos nossos direitos por meio do conhecimento.

A comunidade de Baixio tem alcançado um crescimento razoável em termos estruturais, porém está enfrentando uma realidade que diminui o número populacional em consequência do êxodo rural bastante intenso, devido à falta de empregos na localidade. Outro fator que interfere no desenvolvimento local é a saída de jovens em busca de estudo superior na cidade de Sobral; mas esse fator resulta numa preocupação para os pais, porque têm ocorrido alguns acidentes com os transportes que levam estudantes da região do Vale do Acaraú até a UVA (Universidade Vale do Acaraú).

2.14 Educação atual

Antigamente, contávamos com quatro escolas na comunidade, sendo três delas mantidas pelo município de Jijoca de Jericoacoara e uma pelo município de Bela Cruz. Aconteceu, porém, que o número de alunos foi diminuindo ao longo do tempo, fazendo com que houvesse a necessidade de nucleação de escolas. No início da primeira década do

século XXI, no município de Jijoca, na 2ª gestão do ex-prefeito Sérgio Herrero Gimenez, aconteceu a nucleação das escolas Pedro Pereira Pinto e Escola Reunida Raimundo Pereira Dutra com a EMEF Antônio Dutra de Sousa.

De acordo com informações de gestores da época, no primeiro ano pós-nucleação a EMEF (Escola Municipal de Ensino Fundamental) Antônio Dutra amargou resultados insuficientes, chegando à posição de penúltima em resultados pedagógicos no município de Jijoca. No ano subsequente, toda a comunidade escolar comprometeu-se em mostrar um bom trabalho, envolvendo a participação dos pais e responsáveis no sentido de melhorar as condições da escola, e o resultado chegou imediatamente, fazendo com que a instituição ficasse entre as três melhores de Jijoca e entre as melhores do estado do Ceará. Vale ressaltar que a prefeitura realizou uma grande reforma em toda a estrutura do prédio escolar.

Em relação à escola de Bela Cruz, trata-se da EEIEF Francisco Ferreira Brandão, que foi a primeira a ser construída na comunidade de Baixio. Ela tem enfrentado muitas dificuldades em sua trajetória. Fica muito distante da sede do município, concorre com a Escola Antônio Dutra em condições desfavoráveis e não conta com alunos residentes em Baixio. Hoje, a referida escola tem 60 alunos, sendo 55 deles residentes em comunidades distantes, dificultando ainda mais as suas ações pedagógicas. Além dos problemas já citados, tem ainda a questão de limite territorial entre Jijoca e Bela Cruz, pois, de acordo com os órgãos oficiais (IBGE — Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística; IPECE — Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará), a EEIEF Francisco Ferreira Brandão está situada no município de Jijoca de Jericoacoara; e ainda, de acordo com informações oficiais, os limites territoriais dos municípios cearenses serão organizados em breve.

Temos na comunidade de Baixio a Creche Sonho Encantado, que está situada bem vizinha da Igreja de São Geraldo Magela (já citada neste documento). É uma instituição de Ensino Infantil que atende a localidade de Baixio, além de várias comunidades circunvizinhas. A creche notificada faz um trabalho voltado para a melhoria da qualidade do ensino, tanto é que se destaca no município e em todo o Vale do Acaraú.

2.15 Realidade da religião

A religião local predominante é a Católica Apostólica Romana, seguindo tradição dos primeiros habitantes. Como já foi citado neste trabalho, a fé do povo de Baixio, assim como de outras comunidades, vem passando por uma crise de prática, porque a maioria dos moradores dá preferência a outros eventos não religiosos. A grande maioria de católicos baixienses só frequenta a Igreja de São Geraldo na época da festa, que vai do dia 7 ao dia 16 de outubro de cada ano. Quando chega o período citado, faz-se necessário que as

celebrações aconteçam do lado de fora da igreja, por causa do grande número de frequentadores.

Os movimentos litúrgicos na sede da paróquia não estão sendo frequentados; isso é uma indicação de que a falta da prática católica está afetando os costumes religiosos locais. Os grupos litúrgicos não estão tendo aquela atenção necessária. Existe o "Terço dos Homens", que é formado por apenas nove membros. A catequese tem um número mínimo de catequizandos, até por motivo da diminuição do número de crianças em cada família. Há bem pouco tempo, houve uma ideia da criação de uma área pastoral na comunidade, para que inclusive um padre pudesse viver em Baixio e desenvolvesse trabalhos pastorais nas comunidades vizinhas; porém, essa ideia foi descartada e não se fala mais nisso. Foi pensada a construção de uma casa paroquial, mas esse sonho não passou disso.

2.16 Realidades da saúde

A comunidade conta com dois postos de saúde na condição de PSF (Programa Saúde da Família). Um posto mantido pelo município de Bela Cruz e o outro pelo município de Jijoca. Ambos estão passando por uma reforma estrutural, na pretensão da melhoria do atendimento, que por enquanto está insuficiente em ambos os casos. A população, há muito tempo, sonha com uma ambulância no local e que tenha motorista responsável morando na comunidade, para que, no caso de uma emergência, se possa ter a quem recorrer.

2.17 Calçamento

Há dois anos passados, a prefeitura de Jijoca realizou uma pequena obra no setor de calçamento. Existem 800 metros de comprimento por 9 metros de largura, isso numa pequena extensão da única rua da comunidade. Foi encostado um carregamento de pedras que, hoje em dia, serve apenas para causar acidentes na estrada que dá acesso à igreja e a outras localidades. Por enquanto, ninguém tem informação de quando haverá prosseguimento na referida obra municipal.

2.18 Abastecimento d'água

A comunidade tornou-se dependente do fornecimento d'água que é feito pela Prefeitura Municipal de Jijoca de Jericoacoara. O ex-prefeito Sérgio Gimenez criou um sistema de atendimento da água "de graça" por um período de 10 anos. Em troca, o povo de Baixio ficaria devendo favor e voto ao ex-prefeito enquanto ele estivesse na política do referido município. Hoje em dia, o abastecimento é precário e o povo não tem como reclamar. Agora mesmo, talvez porque estamos vivenciando uma campanha eleitoral, há

uma promessa de que o abastecimento será regularizado; isso só o tempo se encarregará de nos mostrar.

Baixio conta com uma população muito pacífica, pois há vários anos vem sendo ludibriada pelos políticos de Jijoca e Bela Cruz, que prometem muito e fazem pouco em termos de políticas públicas. Embora tenhamos municípios carentes de recursos, sabemos que é possível fazer bem mais do que vem sendo realizado em termos de serviços públicos na localidade. Não queremos fazer críticas destrutivas; estamos apenas descrevendo a realidade local. Achamos ser da nossa obrigação relatar a verdade neste trabalho dedicado à comunidade de Baixio. Além de construirmos a história local, precisamos de consciência política para buscar melhorias, tanto para os atuais moradores como, principalmente, para as futuras gerações, que se encarregarão de lutar e conseguir uma melhor qualidade de vida. Isso tudo dependerá também do abastecimento da água apropriada para o consumo. São ações como estas que defenderemos sempre em favor desse local que foi escolhido pelos nossos antepassados.

CAPÍTULO III — COMO OS ALUNOS E EX-ALUNOS VÊEM A HISTÓRIA DA COMUNIDADE

Pesquisa realizada pela turma do Projovem da localidade de Baixio.

3.1 História da comunidade de Baixio, Jijoca, Ceará

Baixio tem sua história oficial iniciada no ano de 1925. Naquela época, os irmãos Antônio Ferreira Brandão e Francisco Ferreira Brandão deixaram as margens oeste da Lagoa da Jijoca em busca de terras apropriadas à agricultura e à criação de animais. Encontraram uma floresta imensa e demarcaram uma légua quadrada naquele território. Começaram o trabalho de exploração, fazendo grandes plantações; para isso, convidaram parentes e amigos, que iniciaram a bela história desta comunidade.

3.2 A real causa do nome Baixio

Quando a floresta começou a ser derrubada, houve a descoberta de um córrego, no qual colocaram o nome de "Córrego de Dentro", por estar localizado dentro da mata fechada. O tempo foi passando, a terra sendo desmatada, até que descobriram muitos córregos, que eram conhecidos como "baixas". Um dos trabalhadores disse: "Aqui não tem só uma baixa, isso é um verdadeiro Baixio." Daquele dia para frente, o nome Baixio pegou muito bem; portanto, continua até hoje e, com certeza, futuramente.

3.3 Apelidos comuns do local

A localidade de Baixio, como já sabemos, recebeu o nome de Córrego de Dentro no início de sua descoberta. Atualmente, a comunidade recebe alguns apelidos carinhosos, como, por exemplo, "Beco do Brejinho", sendo este originado do forte inverno de 2009, que "brejou" alguns becos. Além desse local, encontramos mais à frente o "Beco da Baiuca". E ainda alguns que em demasia o caracterizam, como "Bairro 13", localizado no centro do Baixio Dois, inspirado no filme de mesmo nome.

3.4 Primeiros moradores de Baixio

- Antônio Ferreira Brandão e família
- Francisco Ferreira Brandão e família
- Raimundo Souza e família
- Raimundo Pereira Dutra e família
- Pedro Torquato e família
- José Alexandre e família

- Geraldo Pereira Brandão e família
- Joaquim Paulo e família
- Raimundo Geraldo e família
- Clementino e família
- Vicente Braga e família
- Gonçalo Pedro de Araújo e família
- Raimundo Antônio de Sousa e família

3.5 Localização

Baixio está a 69 metros acima do nível do mar, numa área de terra pertencente aos municípios de Jijoca de Jericoacoara e Bela Cruz, sendo que mais de 70% do povoado está localizado em Jijoca. Outro detalhe bastante interessante é que, por motivo de a grande maioria dos primeiros moradores ter origem na margem oeste da lagoa, ainda hoje predomina a cultura de Jijoca, e o povo que mora na parte que pertence ao município de Bela Cruz não tem qualquer vínculo com aquele município.

Há um grande número de pessoas que têm muita esperança de que um dia toda a área territorial de Baixio pertencerá ao município de Jijoca de Jericoacoara, para alegria de todos os baixienses.

3.6 Realidade da época

Economia. Naquela época, década de 20, as famílias sobreviviam da agricultura de subsistência, plantando feijão, milho, roça (mandioca), e criavam animais. Vale lembrar que, na época, um hectare de terra produzia muito. De acordo com informações dos antepassados, a produção chegava a 4 alqueires de feijão, 8 alqueires de milho e 20 arrancas (de seis cargas de mandioca).

Transporte. Os primeiros moradores não tinham caminhos, então começaram a abrir veredas na mata. O caminho mais utilizado era o "Travessão do Veríssimo", que saía das margens da lagoa, passando pelo Córrego de Dentro, e depois de algum tempo foi ampliado até as terras de Santo Isídio.

Aquele povo se locomovia pela utilização de lombo de animais e, principalmente, a pé. Diante daquela dificuldade, o senhor Geraldo Pereira e seus familiares resolveram buscar uma solução interessante: combinaram com os familiares que moravam em Lagoa dos Monteiros e fizeram uma grande fogueira, enquanto os familiares de Geraldo Pereira fizeram uma fogueira em Córrego de Dentro, acendendo ambas na madrugada. Um grupo de homens saiu cortando a mata em direção à Lagoa dos Monteiros, enquanto outro grupo

partiu de Monteiros rumo ao Córrego de Dentro.

Esta solução foi muito inteligente por parte do senhor Geraldo Pereira, pois ainda hoje o referido caminho dá acesso a muitas outras comunidades. Além desse feito, a família de Geraldo Pereira criou as primeiras escolas da comunidade, além de ter implantado a religião do povoado de Baixio.

3.7 Fundação da comunidade (religião)

A religião oficial de Baixio sempre foi a católica. No início, todas as obrigações religiosas aconteciam na localidade de Caiçara, na época muito movimentada, segundo minhas fontes históricas. Em 1964, por esforço maior do senhor Eliezer Marques, foi fundada a Igreja de Santa Luzia, em Jijoca; daí o povo de Baixio passou a realizar seus eventos religiosos em Jijoca. No ano de 1972, por ocasião das CEBs (Comunidades Eclesiais de Base), nasceu em Baixio o Movimento do Dia do Senhor, tendo como dirigente do Evangelho o jovem Raimundo Dutra e como orientador o jovem Edmar Dutra, ambos auxiliados por um grande coral. A celebração da Palavra acontecia nas casas próximas do local onde está a Igreja de São Geraldo Magela, padroeiro da comunidade.

Entre os anos de 1992 e 1994, o povo de Baixio esteve reunido em forma de mutirão para a reforma de um prédio que já era utilizado na realização dos sacramentos. Quando da escolha do padroeiro, a comunidade ficou dividida entre dois santos que representavam muito para o local: São Geraldo Magela e Nossa Senhora Aparecida. Então prevaleceu o destaque do senhor Geraldo Pereira, pelo muito que já havia feito pela religião do lugar, e São Geraldo Magela foi escolhido. Em 1994, começou a festa do padroeiro. No primeiro ano, durou três dias; no segundo ano, passou a cinco dias; e em seguida, para dez dias, continuando até a atualidade.

Sendo Baixio dividido entre I e II, no ano de 2002 foi construída a igreja de Baixio II, com a colaboração da comunidade e de algumas pessoas de fora. O primeiro santo pensado para padroeiro foi São Pedro, mas, como outra comunidade já homenageava este santo, foi realizada uma votação entre São Pedro e Santo Expedito. Com um resultado de 56 a 2 votos, o padroeiro escolhido foi Santo Expedito. No começo, a festa tinha duração de sete dias, mas já faz algum tempo que vem sendo de dez dias de comemoração.

3.8 Marcas de progresso em Baixio

Em maio de 1994, o então prefeito de Jijoca, Sérgio Gimenez, inaugura a energia elétrica do nosso povoado.

Em 2004, chega a nossa água encanada, através da Associação Comunitária São Francisco e da Prefeitura de Jijoca.

A economia da população sempre foi a agricultura e a pecuária até bem pouco tempo. Hoje em dia, já temos o comércio, os salários dos funcionários públicos, as aposentadorias, a renda dos programas do Governo Federal, os recursos de baixienses que são empregados em São Paulo, além de outros rendimentos.

3.9 Cuidados com a saúde: de onde vêm

O posto de saúde da localidade de Baixio foi construído no ano de 2003, em um terreno doado pelo senhor José Arteiro, na administração do prefeito da época, Sérgio Herrero Gimenez. Hoje em dia, o atendimento tem início às 7h30 da manhã e vai até as 11h30; depois, com início às 13h30 da tarde até às 17h30. Dispõe de sete funcionários e tem a presença de um médico de 3 a 4 vezes por semana, atendendo diversas pessoas, entre as quais as doenças mais frequentes são as viroses, febres e vermes.

3.10 Descobrindo sua cultura e identidade

Desde sua descoberta até os dias atuais, Baixio já dispõe de seus oitenta anos. A partir de seus primeiros momentos de habitação, algumas atividades eram apreciadas por todos que delas participavam ou assistiam.

Atualmente, a localidade é reconhecida por seus índices de aprendizagem. A E.M.E.F. Antônio Dutra de Sousa (nome este de um dos primeiros moradores) destacou-se por diversas vezes pelo prêmio "Escola Nota 10", o que deixa o corpo docente e toda a comunidade muito satisfeitos.

3.11 Educação

Antigamente, não existia qualquer tipo de escola em Baixio. Os primeiros habitantes aprenderam a ler praticamente pela boa vontade de umas duas ou três pessoas que pagavam um mês de aula para alguém que tivesse um pouco de conhecimento das letras. Meu avô, Raimundo Souza, contratou uma senhorita para "desarnar" os filhos, e eles tiveram um bom desempenho; teve um deles, Antônio Raimundo de Souza, que conseguiu ler alguns livros, entre eles a Bíblia Sagrada.

DEPOIMENTOS

Depoimento de José Edson de Albuquerque

O que conheço de Baixio antes e agora

No ano de 1925, com a chegada dos irmãos Antônio Venâncio e Francisco Ferreira Brandão, dava-se início à história de uma comunidade da qual me orgulho muito de fazer parte.

Localizada a 69 metros acima do nível do mar e com temperatura que varia entre 27 e 36 graus, no início esta localidade chamava-se Córrego de Dentro e pertencia ao município de Acaraú-CE. Logo depois das descobertas de várias baixas em meio à mata, veio o nome de Baixio. Comunidade que atualmente pertence a dois municípios: Jijoca de Jericoacoara e Bela Cruz. Essa incrível comunidade é bem vista por ter uma população relativamente com condições econômicas igualitárias, de um povo bem educado, mas essas características vêm desde o início, pois os primeiros habitantes já as tinham. Um bom exemplo é o Sr. Raimundo Pereira de Souza, um grande comerciante de Baixio; o mesmo veio da chamada Jijoca dos Lulos e faz parte do grupo dos primeiros moradores. Esse homem é tido como um dos grandes responsáveis pelo desenvolvimento desse lugar, pois era um homem bom, que distribuía suas terras com pessoas que não as tinham. Um cidadão que teve uma família relativamente grande e que até os dias de hoje tem muita influência.

Com a emancipação de Jijoca vieram as melhorias na nossa comunidade. No início, a gente tinha apenas um colégio, que fora construído na época em que este município pertencia a Acaraú; após sua emancipação, foram construídos mais dois colégios, um posto de saúde e uma creche.

Baixio de hoje

Baixio tem como sua principal economia a castanha de caju e a agricultura. É uma localidade tranquila ainda nos dias de hoje, um lugar muito bom de viver, uma comunidade ainda ligada aos princípios da família e da religião católica. A educação é destaque, pois tem alunos qualificados e que, quando saem daqui para Jijoca, para estudar no colégio estadual, agem diferente.

Com aproximadamente 400 famílias, Baixio é tido como uma das principais localidades do município, formada por pessoas esclarecidas e solidárias.

Na política também se destaca, pois a população sempre elege pessoas da comunidade para representá-los na câmara municipal. Nossa comunidade é tida como uma

das que têm o voto consciente, um povo que não vende seu voto por favores.

Na cultura religiosa, temos a tradicional festa de São Geraldo Magela, que tem duração de 10 dias e é tida como a segunda maior festa da paróquia de Jijoca. Na parte da cultura, ainda há muitos conservadores da literatura de cordel e das cantorias.

Depoimento de Antonia Jéssica de Souza

Como eu vejo a história de Baixio

Desde muito cedo, a história de Baixio sempre esteve presente em minha vida; me fiz conhecedora dela ouvindo meu pai e meu avô contarem os acontecimentos e as características dessa região.

A história de Baixio começou quando um grupo de pessoas, em busca de uma melhoria de vida, saiu das margens da lagoa de Jijoca e se estabeleceu nessas terras, que primeiramente não receberam este nome, mas sim Córrego de Dentro. À medida que foram feitas as explorações, muitas baixas foram encontradas, e essa é a explicação para o nome Baixio.

Com a prosperidade, novas famílias foram chegando, e com elas o desenvolvimento do lugar, que já enfrentava dificuldades em relação ao exercício da religiosidade. Foi da necessidade que nasceu o movimento; agora o pequeno povoado idealizava seus próprios projetos. Foi assim que logo veio a surgir o prédio comunitário, que no futuro tornou-se a Igreja de São Geraldo Magela, o padroeiro da comunidade.

Outros segmentos de total relevância para qualquer desenvolvimento também tiveram seu crescimento; o comércio foi o principal deles, com alguns chefes de família se deslocando e trazendo para o povoado seus produtos — fazer compras era uma tarefa bem mais fácil. Com a chegada de mais uma família, que veio a abrir uma espécie de mercantil, as coisas só melhoraram.

No Baixio, e em qualquer outra região, a principal força de trabalho foi e sempre será a motivação; somente um povo com certeza do que quer, e com coragem para buscar a realização de seus projetos, pode tirar as ideias das mentes e trazê-las para a realidade.

CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE A ORALIDADE

Os historiadores não trabalham apenas uma perspectiva; pelo contrário, estariam a ser parciais e subjetivos. O verdadeiro historiador tem em conta fontes e pontos de vista diversos. Hoje em dia, qualquer indivíduo numa sociedade aberta e plural, como a que vivemos, precisa saber fazer escolhas, ou seja, ser capaz de selecionar e organizar informação.

A História é muitas vezes encarada pelos alunos como uma enumeração de acontecimentos históricos que nem sempre os atrai para a disciplina. Esse entendimento é um dos problemas para o reforço da educação histórica no currículo: a história continua a resumir-se ao conhecimento do passado imutável, transmitido aos alunos através dos manuais e do discurso do professor. No entanto, se queremos que a educação — e neste caso a história — seja um fator de desenvolvimento na formação dos alunos, não faz muito sentido que ela seja entendida como uma formação que o aluno deve aprender e reproduzir nos testes escritos, acabando daí a um tempo por esquecer o que supostamente aprendeu.

Há outra proposta, no entanto, sobre a qual nós trabalhamos, que aborda a disciplina através do conceito de educação histórica, ou seja, através da aquisição de competências de análise e de escrita. Uma metodologia que seja, de fato, uma forma de compreender melhor a história de Baixio, não apenas numa perspectiva sincrônica, mas na diacrônica e multiperspectiva, ou seja, mais do que a simples repetição do passado. É nesse aspecto que importa considerar a história.

Com o levantamento de pesquisas, exploramos mais profundamente quais os processos que os alunos desenvolvem na aprendizagem dos conteúdos históricos e qual a origem das ideias e conceitos que trazem com eles. A partir dessa investigação, tem-se percebido que os alunos chegam às escolas com um determinado conceito sobre sociedade, e esse é que passa a ser o ponto de partida para eles perceberem a sociedade do passado, utilizando os conteúdos como forma de compreensão das diversas interpretações históricas e do papel desenhado pelas diferentes fontes.

Nessa ocasião, são eles próprios que cruzam as fontes e retiram conclusões, percebendo que, afinal, não existe um retrato único do passado, dependendo da maneira como encaramos a aprendizagem de História. Se trabalharmos na mera perspectiva de reprodução da informação, ela poderá, quanto mais para aqueles que defendem uma identidade local, mesmo que bem-intencionada e progressiva, dar uma noção dos diferentes tipos de democracia que se foram construindo ao longo dos tempos e compreender que, em face dessa evolução, existem hoje diversas sociedades onde os valores democráticos não são respeitados. Essa noção tácita das diferenças pode dar aos alunos a possibilidade de,

eventualmente, construírem valores que se desenvolvam na sociedade onde eles se integram.

No entanto, na perspectiva da educação histórica que temos vindo a defender, incluem-se outro tipo de competências que são fundamentais para a construção de uma cidadania esclarecida: a seleção e a organização da informação. Há aspectos da nossa identidade local que devem ser saudavelmente mantidos, porque podemos trabalhar a identidade num sentido inclusivo, respeitando-nos a nós e aos outros.

Isso provém de uma investigação empírica e sistemática, para uma abordagem crítica de competências analíticas e argumentativas, não desconsiderando a importância da apreensão de fatos essenciais, mais precisamente por cognição histórica situada, e debruça-se sobre as ideias que os jovens — inclusive os professores — desenvolvem em torno da História; sobre as fontes de conhecimento histórico que influenciam a sua percepção. Nos adolescentes, e não só, essas percepções são muito influenciadas pela televisão, pela família, pela comunicação social e por outras fontes de informação.

> *Em resumo, são as origens do conhecimento histórico e a forma como ele se constrói o objeto privilegiado desta área.*

Reconhecemos que nós procuramos, com estas inovações, que os alunos gostem mais de história. É importante que, antes de começarem a apresentar a matéria, os professores disponibilizem algum tempo com os alunos e procurem fazer com que eles ganhem autoestima e percebam que suas ideias são importantes, ganhando estímulo para trabalhar e ir mais longe nesta disciplina. Será mais gratificante tanto para o aluno como para o professor.

A história assim "ensinada" pode contribuir para uma sociedade mais crítica, que não se limite às escolhas óbvias e saiba pensar e argumentar — o que não quer necessariamente dizer que tenhamos de tomar as mesmas opções. Esta é também uma forma de trabalhar para uma educação para a paz e para a tolerância.

Com variações de local para local, e não sem embates, os movimentos têm como marca mais geral tornar professores e alunos sujeitos dos processos de aprendizagem, contextualizando saberes históricos, desenvolvendo o espírito crítico, o respeito e a valorização das experiências culturais diversas, tornando a história de Baixio, enfim, um instrumento privilegiado de compreensão e ação sobre a realidade em que os sujeitos estão inseridos.

Na área de História, isso se traduz na importância de valorizar o papel do aluno como construtor de sua história local — o papel da educação e, especificamente, do ensino de história na construção da identidade individual e social. Este conceito nos é fundamental,

já que identidade e memória têm uma estreita relação, conforme os estudos de M. Pollak.

Dentro dessa perspectiva, o ensino da história de Baixio tende a desempenhar um papel mais relevante na formação de cidadãos, envolvendo a reflexão sobre a atuação do indivíduo em suas relações pessoais com o grupo de convívio, suas afetividades e sua participação no coletivo. A inclusão, na escola local, da história do povo de Baixio deve contribuir para o aluno situar a relação entre o particular e o geral, quer se trate do indivíduo, sua ação e seu papel na sua localidade cultural, quer se trate das relações entre a localidade específica e a sociedade.

O sujeito histórico pode ser entendido, por sua vez, como sendo os agentes de ação social que se tornam significativos para os estudos históricos escolhidos como fins didáticos — a comunidade de Baixio podendo ser localizada nos contextos históricos, exprimindo suas especificidades e características. A transposição dos métodos de pesquisa da história para o ensino da história de Baixio propicia situações pedagógicas privilegiadas para o desenvolvimento de capacidades intelectuais autônomas do estudante na leitura de obras humanas, do presente e do passado.

Ao trabalhar com recuperação de materiais, que são fontes potenciais para construção de uma história local parcialmente desconhecida, desvalorizada, esquecida ou omitida, o saber histórico escolar desempenha outro papel na vida local — sem significar que se pretende fazer do aluno um "pequeno historiador", mas um observador atento das realidades do seu entorno, capaz de estabelecer relações e de relativizar sua atuação no tempo e no espaço. A escolha metodológica representa a possibilidade de orientar trabalhos com a realidade presente, relacionando-a e comparando-a com momentos significativos do passado.

REFERÊNCIAS

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. *Ensino de História: fundamentos e métodos*. São Paulo: Cortez, 2004.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 1996.

CEARÁ. Lei nº 14.371, de 19 de junho de 2009. Institui o Prêmio Escola Nota Dez. Fortaleza, 2009.

GIRÃO, Raimundo. *História econômica do Ceará*. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1947.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

DOCUMENTOS PARTICULARES. Escritura de venda de terras. Serrote de Jericoacoara, 3 de dezembro de 1923. Acervo do autor.

DOCUMENTOS PARTICULARES. Escritura particular de compra e venda. Acaraú, 8 de dezembro de 1948. Acervo do autor.

DEPOIMENTOS ORAIS de moradores das localidades de Jijoca de Jericoacoara e Baixio, colhidos entre 1985 e 2014.